



STEINMETZ, Elisangela da Rocha. Encenações. In: *Revista Épicas*. Ano 5, Número Especial 4, Março 2021, p. 151-155. ISSN 2527-080X. DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2021vNE4>

ENCENAÇÕES SCENERIES

RITA, Annabela. **Teolinda Gersão: encenações 80 anos de vida, 40 anos de escrita literária**. Prefácio de Miguel Real. Lisboa: Edições Esgotadas, 2020.

Elisangela da Rocha Steinmetz¹
Universidade de Lisboa - UL

Em 2020-2021 comemoram-se os 80 anos de vida e os 40 anos de escrita literária de Teolinda Gersão, efeméride na origem de um ciclo de homenagem com mais de 3 dezenas de iniciativas internacionais e de diferente registo e modalidade, ciclo coordenado por Annabela Rita e por Miguel Real². Assim, naturalmente, a crítica volta a sua atenção intensamente para a escritora que é um dos nomes mais expressivos da atualidade na literatura portuguesa, tendo sido agraciada, entre outros, com os seguintes prémios: Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores (1995), Prémio da Fundação Inês de Castro (2007) e Prémio Vergílio Ferreira (2017).

¹ Doutoranda em Estudos Românicos e Portugueses pela Universidade Clássica de Lisboa (FLUL/UL) e Mestre em História da Literatura pela Universidade Federal de Rio Grande (FURG).

² Cf. Homenagem. Teolinda Gersão 2020-21 [<https://homenagemteolinda.wixsite.com/home>].

Na senda de trabalhos e homenagens que se dedicam à escritora está a obra *Teolinda Gersão: encenações 80 anos de vida, 40 anos de escrita literária*, de Annabela Rita, que, com Miguel Real, nos oferecerá este ano *O essencial sobre Teolinda Gersão* (INCM). Autora que está entre as vozes mais relevantes e inovadoras da crítica literária, obtendo diversos prêmios, como o Prémio Pró-autor 2019 da Sociedade Portuguesa de Autores (2019), além de uma série de outras homenagens e distinções. Professora e Diretora de Licenciatura na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, antiga directora do CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa (2002-12), directora da Associação Portuguesa de Escritores e presidente do Instituto Fernando Pessoa e da Academia Lusófona Luís de Camões, Annabela Rita possui um grande número de obras publicadas, entre as quais estão: *Eça de Queirós Cronista* (1998; 2017), *Cartografias Literárias* (Lisboa, 2010; S. Paulo, 2012), uma trilogia dedicada ao Cânone Literário (*Luz e Sombras no Cânone Literário*, 2014, *Do que não existe. Repensando o Cânone Literário*, 2018, e *Perfis & Molduras do Cânone Literário*, 2018) e *Sfumato. Figurações in hoc signo. Na senda da identidade nacional* (2019, já com *Sfumato & Cânone* a sair em breve), apenas para mencionar algumas de sua exclusiva autoria. Trata-se de uma obra que faz dela uma figura de importância e talento extremamente significativa no espaço académico e cultural tanto de Portugal quanto de outros países com os quais tem estabelecido relações. Sendo assim, o leitor de *Teolinda Gersão: encenações (...)* entra, simultaneamente, em contato com duas consagradas vozes da Cultura e das Artes em nossos dias.

Com um olhar atento e um pensamento arguto, Annabela Rita conduz o leitor numa viagem deslizando por entre a obra da escritora Teolinda Gersão e um panorama das Artes, onde a figura pintada num quadro dança num poema, surge na imagem de um filme e (re) nasce na página de um livro pronta a saltar para a vida e ser tantas vezes criada e recriada, seja na tinta do pincel, na forma que lhe confere uma “vassoura de prata” ou nas luzes de um ecrã revelando-lhe os rastros, os ecos e contrastes no cenário de uma ação narrativa bem mais vasta, que se adensa na página do livro, na escrita de Teolinda tão hábil em dialogar com uma longa tradição das artes conforme nos mostra a ensaísta, por exemplo, no seguinte fragmento:

É uma mulher que fecha a janela para “recomeç[ar] a escrever” (p.47), como esse Caspar David Friedrich imaginado por Georg Friedrich Kersting (*Caspar David Friedrich no seu estúdio*, c. 1811), que pintou a sua *Mulher à janela* (1822). De *Fair Rosamund* (c.1917), da autoria de John William Waterhouse, da lírica Mariana de Tennyson que Millais pintou e que Waterhouse evocou (*“I AM Half Sick of Shadows,” Said the Lady of Shalott*, 1911), desdobrando-lhe uma paisagem interior diante da exterior, e de outras mulheres à janela (de Jan Vermeers, Degas, Gauguin, Picasso, Dali, etc.), numa tradição que remonta à pintura e às iluminuras de Livro de Horas do Norte da Europa e que se tornou o mais popular tema de ilustração de livros em Inglaterra nas décadas de 50,60 e 70 do séc. XIX, combinando-se e redimensionando-se também com o do espelho, Teolinda oferece-nos uma sócia em *Paisagem com mulher e mar ao fundo*. (p.29)

Com prefácio de Miguel Real, que destaca o texto como “um ensaio literário simultaneamente cultural e historiográfico que (...) marcará indelevelmente não só o horizonte ensaístico português como se tornará determinante para uma compreensão global da obra de Teolinda Gersão” (p.8); o livro de 142 páginas, onde

sobejam referências, citações e notas de rodapé, é organizado em dez capítulos intitulados respectivamente como: “CENA. ACÇÃO. TAKE 1”, “TAKE 2. A CÂMARA DESVIA-SE PARA A CASA”, “TAKE 3. TRAVELLING”, “TAKE 4. TRAVELLING”, “TAKE 5. APRESENTAÇÃO”, “TAKE 6. MUDANÇA DE CENÁRIO.”, “TAKE 7. TRAVELLING E ZOOM”, “TAKE 8. FLASHBACK E DESENVOLVIMENTO”, “TAKE 9. CARTOGRAFIAS” e “TAKE 10. MUSEU IMAGINÁRIO. ENTRE REAL E VIRTUAL”. Onde o discurso, recorrendo a uma metodologia fílmica, como já anunciada na nomenclatura dos capítulos, e (re)visitando uma longa e vasta tradição das artes, constrói/revela *take a take* a(s) cena(s) narrativa(s) de uma produção literária que tem início com o romance *O Silêncio* (1981) em *Take 1*. Seguindo a ordem cronológica de publicação, Annabela analisa as sucessivas elaborações de Teolinda (*Paisagem com mulher e mar ao fundo* (1982), *Os guarda-chuvas cintilantes (diário ficcional)* (1984), *O cavalo de sol* (1989), *A casa da cabeça de cavalo* (1995), *A árvore das palavras*(1997), *Os teclados* (1999), *Histórias de ver e andar* (2002), “Cidades” (2007)³ e *A cidade de Ulisses* (2011)), em cada um dos capítulos subsequentes, vale ressaltar que na dinâmica discursiva a análise das obras se vai enredando de acordo com a eleição dos elementos que a pesquisadora coloca em foco e que, por vezes, segue em desdobramento em outros capítulos. Apontando influências, conexões, convocações e evocações a estudiosa cria nesse “roteiro” um “itinerário”, descortinando de forma esplêndida o colóquio entre os elementos que configuram a escrita de Gersão e as ligações que estabelecem com a produção de outros artistas, e da própria escritora em momentos distintos.

Cada texto surge, assim, integrado num alongado ciclo de escrita, misto de memorialismo interior e de exercício ensaístico. Ciclo de ciclos, informado de uma dimensão simbólica que oscila entre os sentidos lúdico, fantástico, mágico e sobrenatural que também dissolve as fronteiras da sua ficção: o narrativo tradicional, suportado na fluência da voz discursiva, invade esses outros territórios mais marginais a ele, contaminando-se das suas realidades e das suas lógicas. (Annabela Rita, p.11, 2020)

Façamos um *zoom* em alguns desses capítulos.

Take 1: O silêncio; nele a crítica faz notar esse espaço primeiro “Génesis” onde aos poucos a imaginação vai adquirindo um corpo, “Nele vibra a memória do que o procede.”(p.24) elencando uma série de representativos *silêncios*:

Lembrando esse outro “O Silêncio” (1966), de Sophia, onde tudo começa com “um doce silêncio” (...). Na pintura, com Bernardino Luini (*Le Silence*, mural, 1521-23), (...). Na escultura, com Pierre II Legros (1666-1719) (*Le Silence*, 1695), (...). Ou imponderável de potencialidade universal na música *The Sound of Silence* (1964), de Paul Simon. (...) E, também em cinema, convocando a literatura: *Le silence de la mer* (1948), de Jean-Pierre Melville, baseado na obra homónima de Vercors. Quanto à literatura, dir-se-ia atravessada pelo silêncio (...). Daí títulos que o consagram: a fábula (1837) ou o soneto “Silence” (1840), de Edgar Allan Poe, *The White Silence* (1899), de Jack London, (...)” (p.25)

“*O Silêncio*: indica o tema, nas diferentes modalidades da sua manifestação, e o início da encenação literária de uma multimoda teia romanesca.” (p.24) que vai sendo examinada, conforme os aspectos que vão se

³ Conto inserido na obra *A mulher que prendeu a chuva e outras histórias* (2007).

apresentando: a paisagem, a casa e personagens. Nesse primeiro *take* a pesquisadora escrutina, especialmente, a figura feminina mostrando nuances da sua construção, uma cadeia de outras mulheres imaginadas que nela encontram vestígios e apontando um jogo de metamorfoses, que essa personagem, em continuado processo de reflexividade, experimenta ao longo das sucessivas narrativas que Gersão prossegue criando. Mas também dispensa atenção ao espaço da casa e a paisagem que *O Silêncio* vai clarificando, e revelando em primeiras matizes e acordes da “autora-feiticeira” (p.59).

No *Take 2* temos, entre outros aspectos, também o estudo da figura feminina que surge no romance *Paisagem com mulher e mar ao fundo* (1982), mas com uma atenção voltada a perspectiva da elaboração desta com relação a paisagem e a moldura (janela) que a cercam, “Paisagem e retrato confrontam-se em insustentável tensão, reequacionando aqui a que atravessa a História da Arte e que se cristaliza na indecível policentricidade das composições que os conjugam” (p.40).

O *take 3* traz à cena *Os guarda-chuvas cintilantes*, diário ficcional com natureza fragmentária em que a estudiosa indica alguns elementos como o baloiço, o guarda-sol ou guarda-chuva refletindo sobre as evocações e o simbolismo que acompanha tais objetos, em aproximações a criações tanto alheias como nas de Gersão. Esse capítulo mostra, sobretudo, o processo de reflexão autoral sobre a escrita que atravessa a obra da autora.

É, pois, aí, nesse lugar ‘confessional’ e ‘intimista’, que a narradora-personagem revela, sob a veladura da metáfora, de sucessivas metáforas, e do “caderno antigo” (p.98), aquele que é um projeto autoral, literário, justificando uma obra, um percurso: a obra e o percurso da ficcionista. (p. 54).

Continuando até o *take 7*, num percurso onde elementos como a casa, a árvore ou o piano somam-se a outros já mencionados em processo de imbricada análise; o sétimo capítulo ressalta à cena *Os teclados* que parece “encerrar um ciclo, expandindo maximamente uma imagem d’*O Silêncio*” (p.95). E, “Então, o discurso fragmenta-se em contos” (p.97). Inicialmente, o texto de Annabela parece pontuar aí a conclusão de um ciclo, mas um ciclo que se expande a outro ciclo, pois tanto no *take 8*, como no *take 9* e no *take 10* que abordam respectivamente *Histórias de ver e andar* (2002), “*Cidades*” (2007) e *A cidade de Ulisses* (2011), este último sob a evocação do “museu imaginário” (p.123), o leitor é levado a perceber que a construção de Teolinda prossegue numa teia que se propaga, por exemplo, para além das fronteiras do gênero e que as retomadas prosseguem: a mulher, a escrita, a paisagem, etc. e se transformam, articulando com novos aspectos criativos nesse grande “Corredor” expondo *imagens* que assinalam diferentes momentos de um ciclo de *sobreimpressões*, memória autoral” (p.96). “Ciclo de ciclos” (p.99). E que, então, se expande até *A Cidade de Ulisses* que, segundo revela a ensaísta, traz a *encenação* o “imaginário nacional, o ocidental... e o livro de TEOLINDA, *sobreimpresso* na sua própria obra e na homérica, ofelicamente visível sob lençóis de muitas outras águas.” (p.139).

Assim, conforme as particularidades de determinada obra abordada em cada *take*, sempre em incessante relação com uma constelação de outras mais, o leitor vai acompanhando uma elaborada trama/filme que desvela o texto de Teolinda Gersão enquanto um processo de longa e minuciosa efabulação onde a cada

novo livro, por exemplo, “Casa, jardim, paisagem e personagens (...) se multiplicarão e transformarão noutros mundos,” (p.26). Numa escrita em ritmo de *flashback*, onde os elementos vistos em cada um dos capítulos são retomados em outros demonstrando em detalhe a tessitura ficcional de Gersão, “Numa geografia onde o visível e o invisível coexistem” (p.127); Annabela apresenta com efeitos cinematográficos de movimentação e exposição de imagens uma *história* para a escrita da autora, sobre a qual lança luzes em *perspectivas* com as Artes (cinema, pintura, música, literatura, etc.) de modo que o leitor é transportado do “corredor” de Teolinda para o “túnel labiríntico” de Annabela que, sensivelmente, amplia possibilidades tanto de fruição quanto de hermenêutica, tornando *Teolinda Gersão: encenações* leitura imprescindível e convite a uma viagem espelhada, por “águas cintilantes” que seduz pela densidade e qualidade do texto, encantando pela constelação das artes acesa diante do leitor. Livro que configura uma nova *paisagem* para os leitores e estudiosos da obra de Teolinda Gersão.